

Helena Antipoff, o Teatro de Bonecos e a Sociedade Pestalozzi do Brasil

Tânia Gomes Mendonça

Universidade de São Paulo - USP (São Paulo - SP)



Crianças "excepcionais", brincando com máscaras na Sociedade Pestalozzi do Brasil, depois da aula. (Foto Irineu Barreto).



"A Nau Catarineta", peça, baseada no folclore brasileiro, de Cecília Meireles, com música de Luis Cosme. Bonecos executados nas oficinas da Sociedade Pestalozzi do Brasil (Rio), com figurinos de Anísio Medeiros. (Foto OBRY).



Para uma peça extraída de uma das lendas do ciclo do Rei Artur e montada no palco de fantoches da Sociedade Pestalozzi do Brasil, foi cuidadosamente estudada a indumentária medieval. Vemos aqui um aspecto do ensaio, dentro do palco, com as professoras Edna Gama Robinson e Catarina Pereira Reis. (Foto Celso Muniz).

Figuras 1, 2 e 3: Fotografias do livro *O teatro na escola*, de Olga OBRY. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034701202019027>

Resumo: Este artigo almeja lançar luz sobre a relação entre a trajetória intelectual da psicóloga russa Helena Antipoff, a formação da Sociedade Pestalozzi do Brasil e os primeiros cursos de teatro de bonecos do país, que tiveram início em 1946. Objetiva-se desenvolver a ideia de que tais cursos possuíam forte ligação com a psicologia da educação e os conceitos da moderna pedagogia vinculada à Escola Nova. Tais cursos tinham como propósito a “missão” de levar “teatrinhos de bonecos” a todas as regiões onde houvessem crianças que necessitassem de recreação para a sua “formação saudável”.

Palavras-chave: Helena Antipoff. Sociedade Pestalozzi do Brasil. Escola Nova. Teatro de Bonecos. Psicologia educacional.

Abstract: This article aims to analyze the relationship between Helena Antipoff's intellectual trajectory, the foundation of Sociedade Pestalozzi do Brasil and the first puppet theatre courses of Brazil, in the 1940's. Its objective is to develop the idea/concept that these courses directly related educational psychology and the concepts of modern pedagogy connected with the New School. These courses were committed to the mission of assuring little puppet theaters could be implemented in all regions where there are children in need of positive recreation for “healthy growth”.

Keywords: Helena Antipoff. Sociedade Pestalozzi do Brasil. New School. Puppet Theatre. Educational psychology.

Segundo a historiadora Gabriela Pellegrino Soares, na primeira metade do século XX, o tema da alfabetização e da leitura adquiriram “centralidade nos debates públicos” da América Latina, “definindo as letras como chave de transformação social, condição cultural e política em face dos desafios históricos que se projetavam” (SOARES, 2011, p. 92). Juntamente com essa temática, podemos também frisar que o assunto da modernização da educação, com ênfase na Escola Nova¹, ganhou igualmente destaque na circulação de idéias e no discurso de intelectuais mediadores do continente. Helena Antipoff, psicóloga russa que veio ao Brasil no ano de 1929, a qual foi responsável pelos primeiros cursos de teatro de bonecos conhecidos do Brasil, pode ser vinculada a esta conjuntura de debate público.

Helena Antipoff, ligada ao âmbito educacional, será considerada, neste artigo, como uma intelectual mediadora. Entende-se como intelectual mediador aquele ligado à

produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser

¹ Em 1932, foi realizado o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, assinado por nomes como Fernando de Azevedo e Cecília Meireles, sendo que a última possuiu estreita relação com os projetos de Helena Antipoff no Brasil. No Manifesto, compreende-se a Educação Nova como aquela que “não considera a função educacional como uma função de superposição ou de acréscimo, segundo a qual o educando é ‘modelado exteriormente’ (escola tradicional), mas uma função complexa de ações e reações em que o espírito cresce de ‘dentro para fora’, substitui o mecanismo pela vida (atividade funcional) e transfere para a criança e para o respeito de sua personalidade o eixo da escola e o centro de gravidade do problema da educação. Considerando os processos mentais, como ‘funções vitais’ e não como ‘processos em si mesmos’, ela os subordina à vida, como meio de utilizá-la e de satisfazer às suas múltiplas necessidades materiais e espirituais. A escola vista desse ângulo novo que nos dá o conceito funcional da educação, deve oferecer à criança um meio vivo e natural, ‘favorável ao intercâmbio de reações e experiências’, em que ela vivendo sua vida própria, generosa e bela de criança, seja levada ao ‘trabalho e à ação por meios naturais que a vida suscita quando o trabalho e a ação convêm aos seus interesses e às suas necessidades”. (AZEVEDO, Fernando [et al.]. *Manifesto dos pioneiros da Educação Nova* (1932) e dos educadores (1959). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, p. 49).

tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 10)

Tal conceito, de autoria de Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen, pode ser complementado com a seguinte reflexão a respeito dos intelectuais mediadores, cuja “atenção primordial se volta para práticas culturais de difusão e transmissão, ou seja, práticas que fazem ‘circular’ os produtos culturais em grupos sociais mais amplos e não especializados” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 26).

Ainda de acordo com Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen, o estudo dos intelectuais deve incorporar, como uma de suas categorias fundamentais, a trajetória intelectual, uma vez que “os intelectuais estão sempre imersos nas sociabilidades que os situam, inspiram, demarcam e deslocam através do tempo/espço” (GOMES; HANSEN, p. 24). Segundo as autoras, “o estudo de trajetórias, individuais ou coletivas, não se faz sem a articulação às redes e lugares, cuja construção e ação devem ser analisadas para a compreensão das intenções e ações desses atores” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 25).

É acerca da trajetória de Helena Antipoff no Brasil que trataremos, em primeiro lugar, de forma breve, a fim de que se compreenda a relação de seus caminhos profissionais com o teatro de bonecos no Brasil. Nascida em 1892, na Rússia, a psicóloga mudou-se para a França em 1909, prosseguindo seus estudos na Universidade de Paris. Por volta de 1912, Édouard Claparède (1873-1940), médico e psicólogo suíço, visitou o Laboratório de Psicologia da Sorbonne, conhecendo Helena Antipoff, que foi convidada a seguir os seus estudos no recém-criado Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, cujo surgimento teve como um de seus responsáveis o próprio Claparède. O Instituto tinha como objetivo formar educadores, além de dedicar-se à pesquisa em ciências da educação.

Claparède foi muito importante para que Antipoff desenvolvesse sua concepção sobre as relações entre inteligência e educação. De acordo com Regina Helena de Freitas Campos,

Claparède concebia a inteligência como um processo ativo, na tradição da psicologia funcional de Dewey e William James. [...] O autor [...] considerava a inteligência como um instrumento ativo de adaptação a novas situações. Essa abordagem – denominada interacionista ou, mais recentemente, construtivista – assume que o desenvolvimento da inteligência resulta da exploração, pelo sujeito, de soluções possíveis para um novo problema que lhe é colocado, seja pelo meio ambiente, seja pelo próprio pensamento. Assim, a inteligência se constrói a partir da ação do sujeito sobre o ambiente ou sobre o raciocínio, e é a estrutura da ação que, uma vez internalizada, constitui a estrutura de um pensamento inteligente. (CAMPOS, 2010, p. 19)

Genebra era, além disso, desde 1899, a localização do Escritório Internacional das Escolas Novas, cujo responsável era o educador suíço Adolphe Ferrière – movimento, esse, também presente no Brasil, conforme já comentado. Ainda segundo Regina Helena de Freitas Campos,

A contribuição específica do Instituto Rousseau ao escolanovismo centrou-se na proposta da chamada “Escola Ativa” – a escola cujo objetivo seria promover a autonomia da criança através de métodos pedagógicos destinados a mobilizar seus interesses e sua atividade espontânea – uma educação através da ação, nas palavras de Ferrière. (CAMPOS, 2010, p. 18)

Em 1916, Helena Antipoff retornou à Rússia a fim de cuidar de seu pai, ferido durante a Primeira Guerra Mundial. Em seu país natal, criou, segundo Regina Helena de Freitas Campos, a sua “contribuição mais original e relevante [...] à teoria da inteligência

em psicologia” (CAMPOS, 2010, p. 27). Ela incorporou a teoria sócio-histórica ao pensamento funcional acerca da inteligência, o qual foi aprendido em Paris e Genebra. Nesse sentido, para a psicóloga, os testes de inteligência criados a partir das pesquisas de Alfred Binet mediam muito mais o que ela chamou de “inteligência civilizada” – a inteligência “polida” pela sociedade – do que propriamente a inteligência inata das crianças. Isso porque, juntamente com a capacidade de inteligência “natural” do indivíduo, havia, nos testes de inteligência, o envolvimento dos fatores ambientais, entre os quais se encontravam suas condições de vida, sua cultura, a ação pedagógica, a educação e a instrução. (CAMPOS, 2010, p. 28)

Já no Brasil, anos depois, num artigo publicado no Boletim n. 07 da Secretaria da Educação e Saúde Pública de Minas Gerais, a psicóloga afirmava acerca da denominada inteligência civilizada:

Será natural essa inteligência? Dependerá exclusivamente das disposições ingênicas e da idade da criança? Não o cremos. Ela é um produto mais complexo, que se forma em função dos diversos agentes, entre os quais distinguimos, ao lado das disposições intelectuais inatas e do crescimento biológico, também o conjunto de caráter e o meio social, com suas condições de vida e sua cultura, na qual a criança se desenvolve, e, finalmente, se sujeita tanto em casa como na escola. Melhor diremos que a inteligência revelada por meio desses testes é menos uma inteligência natural (como o quis Binet) que uma inteligência civilizada, mostrando, assim, que os testes dirigem a natureza mental do indivíduo, polido pela ação da sociedade em que vive e desenvolvendo-se em função da experiência, que adquire com o tempo. (ANTIPOFF, 1992a, p. 77)

Devido a uma pesquisa cujos “resultados evidenciaram que os filhos de intelectuais apresentavam notas superiores aos filhos de operários” – análise, essa, que contribuiu para o desenvolvimento da ideia de “inteligência civilizada” – Helena Antipoff passou a ter

algumas dificuldades com as autoridades soviéticas, o que se agravou e fez com que Antipoff deixasse a União Soviética, passando pela Alemanha e retornando a Genebra.

No ano de 1928, o governo de Minas Gerais, dentro de um projeto educacional – *a Reforma Francisco Campos - Mário Casassanta* – cuja base teórica eram as propostas do movimento da Escola Nova, decidiu criar a Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte, com o objetivo de formar educadoras já diplomadas com o intuito de realizar uma reforma nas escolas primárias e secundárias do estado. A fim de conformar o quadro de professores da nova instituição, Helena Antipoff foi convidada para lecionar a disciplina de psicologia educacional – o que foi aceito pela nossa intelectual, a qual se mudou para o Brasil em 1929.

Na década de 1930, Helena Antipoff, juntamente com religiosos, psiquiatras, educadores e intelectuais, fundou a Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte, instituição especializada em atender e orientar crianças excepcionais.

Devido a dificuldades pessoais e políticas, Antipoff mudou-se para o Rio de Janeiro em 1944. Segundo Regina Helena de Freitas Campos, no fim dos anos 1930, a psicóloga estava insatisfeita com “as tendências do sistema de ensino público no trato com sua clientela diversificada e problemática”. Assim, numa conferência em 1939, criticou “o excesso de atenção dada aos novos métodos científicos, novos materiais didáticos”, enfatizando que isto “estaria impedindo os educadores de atuar como verdadeiros reformadores sociais”. (CAMPOS, 2010, p. 72) Além disso, com o “Estado Novo”, muitos profissionais perderam os seus empregos devido ao autoritarismo do governo. Desse modo, “o governo de Minas Gerais negou a Antipoff a renovação de seu contrato de trabalho na Escola de Aperfeiçoamento no início dos anos 1940”. (CAMPOS, 2010, p. 72)

Em acréscimo a estes acontecimentos, Antipoff foi convidada pelo “médico e amigo Gustavo Lessa para trabalhar no Ministério

da Saúde”, dedicando-se ao atendimento psicológico de adolescentes e jovens por meio da institucionalização do COJ – Centro de Orientação Juvenil. (CAMPOS, 2010, p. 75)

Posteriormente, a psicóloga promoveu o surgimento no Rio de Janeiro da Sociedade Pestalozzi do Brasil, com o mesmo modelo daquela originada em Minas Gerais, objetivando o “atendimento psicológico e pedagógico a crianças e adolescentes em risco” (CAMPOS, 2010, p. 76). De acordo com Regina Helena de Freitas Campos,

O modelo era semelhante àquele experimentado em Minas: o ensino era realizado em oficinas que aliavam o trabalho intelectual e o manual, artesanal, inclusive com preocupações estéticas. Conforme recomendava a própria Helena Antipoff: “Tudo o que se faz na escola deve ter um cunho estético: um cartaz, um cenário para o teatrinho de bonecos, um loto ou qualquer outro material de ensino”. (CAMPOS, 2010, p. 77)

A mesma pesquisadora ainda complementa, em momento posterior de sua pesquisa:

A ideia [das Sociedades Pestalozzi] era proporcionar aos excepcionais a experiência escolar necessária à sua educação integral, em termos práticos, acadêmicos e de formação humana. Para isso se utilizavam processos que integrassem atividades manuais e intelectuais, associando teoria e prática, e promovendo o desenvolvimento da sociabilidade e dos talentos especiais. Em vários momentos Helena Antipoff lembrava que os indivíduos considerados excepcionais, com dificuldades escolares, poderiam apresentar grande talento para as artes plásticas, música ou artesanato, e procurava desenvolver esses talentos nas oficinas pedagógicas. (CAMPOS, 2010, p. 78)

No dia 20 de setembro de 1946, o jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, anunciava o primeiro curso de teatro de bonecos

do Brasil, realizado, justamente, pela Sociedade Pestalozzi do Brasil:

Está em organização na Sociedade Pestalozzi do Brasil o “Curso de Teatro de Bonecos”. Em colaboração com o “Teatro do Estudante do Brasil” e sob o patrocínio do Departamento Nacional da Criança, a Sociedade Pestalozzi visa a difusão do recreio cultural da criança e do adolescente, por meio de uma arte dramática mais acessível no meio familiar ou escolar, às instituições de assistência social, às associações juvenis etc. Por mais popular que seja, este teatro exige uma orientação artística segura e um estudo cuidadoso dos jovens espectadores. Só assim é que o divertimento que lhe proporcionará alcançará também fins sociais desejados. Cercando-se de conhecedores em psicologia e literatura infantil, em arte dramática, pintura, modelagem, música, trabalhos manuais etc., o “Curso de Teatro de Bonecos” terá um cunho essencialmente prático. Orientado por especialistas de tal modo que o aluno ao terminá-lo terá uma noção geral sobre o Teatro da Criança e executará um teatrinho portátil, com personagens e cenários prontos a funcionar. (Correio da Manhã, 1946a)

Após uma semana do início do Curso de Teatro de Bonecos da Sociedade Pestalozzi do Brasil, o Correio da Manhã escrevia a respeito do sucesso de tal empreitada:

No ato inaugural, a que compareceram além do diretor do Serviço Nacional de Teatro, professores, jornalistas, informou a senhora Helena Antipoff que para mais de sessenta pessoas se haviam inscrito no curso, especialmente professores. Esse número, em menos de uma semana duplicou. Cartas vêm chegando dos Estados solicitando informações. Mesmo uma professora de Minas sugeriu que a “Sociedade Pestalozzi” e o “Teatro do Estudante do Brasil” [...] providenciassem uma série de aulas por intermédio do rádio, onde fossem explicadas detalhada e cuidadosamente como se poderá fazer um palco de bonecos, como confeccioná-los, vesti-los e o que é mais difícil, como articulá-los. (Correio da Manhã, 1946b)

A respeito do processo realizado no curso pelos alunos, a reportagem do Correio da Manhã esclarece:

Encontramo-lo [Eros Gonçalves – professor de cenografia] cercado de alunos. Diante dele uma quantidade enorme de papel, tintas, tesouras. Ia iniciar sua primeira aula de cenografia. - Minha tarefa aqui é de dar em menos de quinze aulas o necessário que habilite o aluno a ter uma idéia do que seja cenografia, o que precisa para vestir a cena de seu pequeno palco, como escolher tintas e saber usá-las. Para facilitar a tarefa do “curso” a sra. Cecilia Meireles escreveu especialmente para ele um “Auto do Natal”. O sr. Eros Gonçalves empregará suas aulas baseado nesse texto. [...]

- Também trabalho importante – continua o sr. Eros Gonçalves [...] – é o que diz respeito à indumentária dos personagens. Minhas aulas também têm por fim um aprendizado nesse assunto. Os alunos, enquanto aprendem teatro de bonecos, aprendem também teatro de verdade, apuram seu gosto estético. Mas esta é a função maior do teatro, seja com artistas de carne e osso ou de estopa. [...] O sr. Paschoal Carlos Magno, fundador do “Teatro do Estudante do Brasil” é o encarregado das aulas que estudam “porque o teatro de bonecos”. Em sua aula inicial teve oportunidade de dizer que êsse teatro de começo é um divertimento, depois um hábito. Para satisfazer êsse hábito é-se obrigado a ler muito, procurar material para ser representado, também exigindo que se estude história a fim de que os bonecos se vistam de acordo com os períodos que interpretam. Ora, no fim de contas, êsse hábito torna-se com o tempo, cultura. (Correio da Manhã, 1946b)

As ideias de Helena Antipoff e Cecilia Meireles acerca da importância deste Curso também estão presentes na reportagem sobre o “sucesso” do curso de bonecos:

D. Helena Antipoff, a ilustre educadora e animadora da “Sociedade Pestalozzi” é de opinião de que em todo bairro deveria haver um teatro de bonecos, particular-

mente naqueles de população densa e onde haja grandes aglomerados de arranha-céus. As crianças que vivem em apartamentos, metidas entre vidraças e quartos de paisagem limitada, desenvolvem o que ela chama de “neurose do apartamento”. Cumpre às autoridades dar-lhes recreios, contatos com outras crianças, facilitar-lhes, para bem de sua saúde, distrações que as faça rir e serem crianças de facto. Dona Cecília Meireles, que além de poetiza [sic] é também educadora pensa do mesmo jeito e acha que o “curso de teatro de bonecos” poderá ser o passo inicial para a alfabetização de milhares de brasileiros. (Correio da Manhã, 1946b)

Acerca do Curso de Teatro de Bonecos de 1946, o relatório para o Serviço Nacional de Teatro (SNT) nos proporciona interessantes informações:

[...] O Curso de Teatro de Bonecos teve uma matrícula de sessenta alunos, entre os quais chefes de Bandeirantes (movimento escoteiro feminino) Assistentes Sociais, Inspectores de alunos dos Educandários, professores de Educação Física, auxiliares dos serviços de assistência à doentes mentais e nervosos, interessados de introduzir a ludo e praxi-terapia, educadores do meio escolar e familiar, e pessoas, de modo geral interessados na “arte dramática menor”.

Através dos Cursos e dos treinamentos no Teatro de Bonecos da Sociedade Pestalozzi do Brasil, formam-se núcleos de amadores e especialistas em matéria de Teatro para Criança e para o Povo. Assim foi este teatro levado não somente em diversos estabelecimentos e bairros da Capital da República, como tem se expandido em vários outros Estados. (Prestação de Contas/SNT, 1947) ²

Entre os participantes do primeiro curso da Sociedade Pestalozzi, estiveram presentes alguns enfermeiros do Instituto de Psiquiatria do Engenho de Dentro, onde trabalhava a famosa

2 Agradecemos sinceramente à pesquisadora Angélica Ricci, por ter disponibilizado a documentação aqui referida.

médica Nise da Silveira. Após o curso, os enfermeiros inauguraram um teatro de bonecos para os pacientes do Instituto – projeto, esse, que foi tema de uma reportagem do jornal Correio da Manhã. Em ocasião do artigo, Nise da Silveira esclareceu o projeto, oriundo dos esforços de Helena Antipoff e da Sociedade Pestalozzi do Brasil: “É nossa intenção dar aos doentes, além dos espetáculos por nós organizados e confiados a funcionários da casa, outros em que os doentes sejam os responsáveis pela cena e pelos bonecos, pelo texto e pela interpretação”. (Correio da Manhã, 1946c)

A partir da trajetória e das redes de sociabilidade de Helena Antipoff, podemos tecer a ideia de que os primeiros cursos de teatro de bonecos do Brasil possuíam, portanto, forte relação com a psicologia da educação e os conceitos da moderna pedagogia vinculada ao escolanovismo. Com base na proposição de que a inteligência infantil possui uma estreita ligação com a cultura, a instrução e a sociedade, é possível afirmar que Helena Antipoff pretendia incrementar as atividades práticas das crianças brasileiras por meio da arte do teatro de bonecos, oferecendo, assim, mais oportunidades para que tal público desenvolvesse suas habilidades e seu raciocínio.

Regina Helena de Freitas Campos afirma que, a partir de pesquisa promovida com as crianças mineiras na década de 1930, Helena Antipoff concluiu que os interesses e ideais destas eram mais limitados do que aqueles de crianças de outros países, devido às condições sociais das primeiras e às horas diárias que eram dedicadas à escola. Antipoff sugeriu, então, que as escolas oferecessem, nos feriados, atividades extraescolares aos alunos a fim de enriquecer a sua cultura, como dramatização, trabalhos manuais, leitura de livros infantis, jardinagem etc. (CAMPOS, 2010, p. 46)

No texto *Interesses e ideais das crianças brasileiras – conclusões*, Helena Antipoff afirma:

Sugerimos utilizar o final de semana, para compensar o tempo reduzido de escolaridade, em atividades extra-escolares, como por exemplo as leituras comentadas

de obras-primas da literatura infantil; representações dramáticas, trabalho manual; excursões em lugares pitorescos, para acostumar a criança a procurar a beleza da natureza, excursões com objetivos científicos; visita a oficinas e até fábricas, visitas a exposições de outras crianças, cinema escolar, reuniões sociais diversas etc. (ANTIPOFF, 1992b, p. 66)

É provável que os cursos de teatro de bonecos da década de 1940 tenham relação com estas proposições de Helena Antipoff: somente oferecendo às crianças do Brasil um ambiente com variados interesses, inclusive com o teatro de bonecos, é que a “verdadeira natureza” da criança poderia ser aflorada. Em suas palavras,

[...] queremos destacar, mais uma vez, a dificuldade do estudo da personalidade humana; muitas vezes pensando estudar a sua natureza intrínseca, nós, na realidade, não apanhamos senão o depósito ou o efeito do meio ambiente ou da própria educação.

Comecemos pois organizando um meio harmonioso e suficientemente rico e variado, dando a cada criança a possibilidade de se manifestar conforme as suas tendências e suas aptidões. Somente então é que a observação psicológica chegará a determinar a natureza verdadeira da criança bem como fornecer à pedagogia efetivas indicações. (ANTIPOFF, 1992b, p. 69)

Em outro texto, acerca da recreação, Helena Antipoff declara:

Toda criança precisa ter oportunidade de praticar as atividades que favorecem o crescimento e que têm dado satisfação através dos tempos – trepar, correr, pular, caminhar (excursões), nadar, dançar, esquiar, jogar bola, cantar, tocar instrumentos musicais, dramatizar, fabricar coisas com as mãos, trabalhar com paus, pedras, areia e água, construir e modelar; cuidar de animais, cuidar do jardim e hortas; fazer algumas experiências científicas simples; aprender a jogar em grupos, aventuras e atividades grupais, a camaradagem, fazendo coisas com os outros. Toda criança precisa descobrir quais as atividades que

lhe dão uma satisfação pessoal. Nessas atividades ela deve ser ajudada a desenvolver as habilidades essenciais. Várias dessas atividades devem ser de tal natureza que ela as possa conservar até a idade adulta. (ANTIPOFF, 1992c, p. 379)

É possível também entrever uma relação entre o projeto de formação do público infantil por meio do teatro de bonecos e o período histórico no qual tal propósito estava inserido. Paschoal Carlos Magno, diretamente envolvido com os primeiros cursos de teatro de bonecos da Sociedade Pestalozzi, escreveu, no Correio da Manhã, em 1946, um longo e erudito artigo expondo passagens da história mundial do teatro de bonecos. Nesta reportagem, atém-se, em especial, às conexões entre o teatro de títeres, a repressão política e as guerras. Sendo o artigo escrito em 1946, ou seja, logo após a Segunda Guerra Mundial, ao final do texto, Paschoal Carlos Magno afirma:

Feitos de madeira, cera, cartão, papel recheado [sic], estopa, esse povo miúdo tem atualmente uma atração maior que antigamente, pois trata-se da perfeição em miniatura numa época em que forças imensuráveis se desencadeiam pelo mundo, levando-o para um destino que não se pode prever. (MAGNO, 1946).

Não podemos deixar de observar, portanto, a relação entre o esforço da difusão do teatro de bonecos pela educação no Brasil e a crise vivida durante a Segunda Guerra Mundial. Dentro desta perspectiva, podemos afirmar, por meio destes pequenos trechos de reportagens, que o Curso de Teatro de Bonecos da Sociedade Pestalozzi do Brasil possuía, também para seus professores, um vínculo com uma missão de formação cultural dos alunos nele inscritos. Havia um ideal de edificação artística e intelectual dos mediadores que seriam formados para a divulgação dos conhecimentos acerca do teatro de bonecos no Brasil.

Em dezembro de 1947, Paschoal Carlos Magno sugeria, em reportagem do Correio da Manhã:

Em fins de 1946 colaborei num movimento de “Teatro de Bonecos” com a Sociedade Pestalozzi [sic], que é dirigida pela excepcional sra. Helena Antipoff. Vi o interesse de mulheres e homens de todas as idades aprendendo a construir um pequeno palco, confeccionar cenários, bonecos, saber movimentá-los e a improvisar textos. A tarefa da Sociedade Pestalozzi, que está dando esplendidos resultados, poderia ser amplificada, tomar características nacionais se, o Serviço Nacional de Teatro resolvesse separar 300 mil cruzeiros para financiar a visita a todos os estados de uma missão de técnicos de bonecos e de seu teatro. Essa missão permaneceria de seis a sete dias em cada capital de estado, onde, em combinação com a Secretaria de Educação local, realizaria em curso relâmpago de 12 ou 14 aulas assistido por professores de colégios públicos ou particulares. Ao mesmo tempo prospêtos [sic], brochuras, desenhos seriam distribuídos aos interessados para aumentar-lhes os conhecimentos. Isso nos facilitaria ter em pouco tempo um teatrinho em cada escola, que valeria como passo inicial para a formação de novas platéias, divertimento para petisada [sic] e ensinar-lhe-ia como usar seus sentidos e particularmente suas mãos. (MAGNO, 1947)

A formação por meio da arte do teatro de bonecos pode ser interpretada, portanto, como uma missão edificadora, a qual contribuiria inclusive para um projeto de nação ligado aos ideais escolanovistas. “Um teatrinho em cada escola” era possivelmente o projeto de muitos dos que angariavam a formação de mediadores ligados ao teatro de bonecos – projeto, esse, vinculado diretamente aos primeiros cursos de teatro de bonecos promovidos pela Sociedade Pestalozzi do Brasil, sob orientação de Helena Antipoff.

REFERÊNCIAS

- _____. Um “teatro de bonecos”, no Instituto de Psiquiatria. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 08/12/1946c.
- _____. Curso de teatro de bonecos. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1946a.
- _____. O sucesso do primeiro “curso de teatro de bonecos” do Brasil”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 04/10/1946b.
- ANTIPOFF, Helena. Interesses e ideais das crianças brasileiras – conclusões. In: ANTIPOFF, Helena. **Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff**. Psicologia Experimental – vol. 1. Belo Horizonte: Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA, 1992b.
- ANTIPOFF, Helena. O desenvolvimento mental das crianças de Belo Horizonte. In: ANTIPOFF, Helena. **Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff**. Psicologia Experimental – vol. 1. Belo Horizonte: Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA, 1992a.
- ANTIPOFF, Helena. Recreação. In: ANTIPOFF, Helena. **Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff** – vol. II. Belo Horizonte: Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA, 1992c.
- AZEVEDO, Fernando [et al.]. **Manifesto dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores (1959)**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Helena Antipoff**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

GOMES, Angela de Castro Gomes. HANSEN, Patricia Santos (Orgs). Apresentação. **Intelectuais mediadores – Práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MAGNO, Paschoal Carlos. No mundo dos fantoches. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 13/12/1946.

MAGNO, Paschoal Carlos. Um teatrinho em cada escola. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21/12/1947.

Prestação de contas para o Serviço Nacional de Teatro. Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, n. 21/47 (20/04/1947).

SOARES, Gabriela Pellegrino. História das idéias e mediações culturais: breves apontamentos. In: JUNQUEIRA, Mary Anne. FRANCO, Stella Maris Scatena (Orgs). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo/ Humanitas, 2011.